

# A importância da língua portuguesa na resistência contra a ocupação indonésia

*Taur Matan Ruak*



## História. Breve Referência.

Timor teria sido descoberto pelos Portugueses entre os anos de 1512 e 1520. Nessa altura, as relações com as populações locais teriam sido apenas na base de trocas comerciais. Presume-se que se entendiam, no à princípio, por meio de gestos e, aos poucos, na certeza de poderem fazer escoar os seus produtos, porque o negócio lhes trazia benefícios materiais, foram-se aperfeiçoando até poderem comunicar-se com menos embaraço com os portugueses.

Porém, essa situação não era de todo favorável às duas partes e possivelmente, sob mútua concordância, cerca de 1560, chegaram os primeiros missionários portugueses que, a custo de muito sacrifício, conseguiram expandir a língua portuguesa através da alfabetização nas escolas e das preces expressas nas capelas e igrejas católicas, que cada vez mais se expandiam em todo o Timor ao longo de quatro séculos.

O tétum, língua franca de Timor, desenvolvia-se espontânea e paralelamente ao seu parceiro lusófono, possibilitando uma comunicação entre as populações deste país de mais de 30 dialectos, possivelmente porque servia de língua intermediária entre os comerciantes e os missionários portugueses e as populações mais remotas. O esforço dos missionários não era correspondido pelo governo português que, como atrás se depreende, só em 1915 abriu em Timor a primeira escola oficial e, durante mais de 50 anos, talvez com certo arrependimento, tentou equilibrar o esforço feito pelos missionários, expandindo a língua portuguesa através de aberturas de mais escolas, empregando até para o efeito soldados portugueses em serviço nesta meia ilha.

Como era de esperar, não obstante esse tardio esforço, até 1975, apenas 5% da população se podia exprimir em português e talvez menos de metade se comunicava na mesma língua, oscilando esta apenas da elite administrativa para o clero católico.

## Importância da Língua Portuguesa

Três factores chaves estiveram na base da manutenção da língua portuguesa: primeiro, a presença de intelectuais falantes da língua; segundo, a existência de um número elevado de timorenses conhecedores da língua escrita; terceiro, por ser a única ortograficamente mais desenvolvida na ilha.

Realmente a língua portuguesa, a partir dos anos 60 do último século, já constituía o veículo que possibilitava comunicarmo-nos dentro do território e também com Portugal e restantes países lusófonos de uma forma mais compreensível e inteligível. A partir da sua assimilação, porque era uma língua basicamente oriunda da civilização greco-latina e de difícil aprendizagem, aprendia-se, com menos dificuldade, o espanhol, o francês e o inglês e com muito mais desembaraço, o bahasa indonésio.

Porém, como vimos atrás, apesar de já ser tão pobre a herança lusófona deixada pelos últimos governantes portugueses, acontecimentos posteriores ainda vieram deteriorá-la muito mais ao ponto de a eliminar por completo. O fraccionamento da sociedade timorense imposta pela invasão e posterior ocupação militar da ilha teve impactos negativos na evolução da língua, exceptuando os timorenses que conseguiram emigrar para Macau, Austrália e Portugal e que tiveram oportunidade de aperfeiçoar o português. Contudo, aos que ficaram no país, particularmente sob o controle administrativo do ocupante, foram-lhes retirados progressiva e inteligentemente a possibilidade de continuarem a falar o português, com pesadas imposições, nomeadamente, a proibição do uso da língua portuguesa, introdução e projecção da língua malaia, restrições e limitações do ensino do português, reservando-a apenas no ensino do Externato de São José e no Seminário em Balide, para mais tarde o abolir totalmente.

## A Frente Armada e a Língua Portuguesa

Quando nos debruçamos sobre as relações entre a língua portuguesa e a Frente Armada, em particular, veremos que quatro factores estiveram na base da manutenção dessa língua: primeiro, a presença da classe dirigente lusófona; segundo, por ser a única língua ortograficamente desenvolvida; terceiro, porque era a nossa língua oficial definida desde sempre; por último, porque era uma das armas para contrapor à língua malaia no âmbito da luta cultural.

Nos tempos da guerra de posição, de 1975 à 1979, a língua oficialmente utilizada pela Resistência era o português, falado e escrito em qualquer tipo de comunicação, desde o topo até a base.

Embora lutássemos com dificuldades de toda a ordem, utilizávamos todos os recursos disponíveis para não só preservar a língua, mas, essencialmente, expandi-la aos menores e analfabetos, através de aprendizagem, até utilizando para isso carvão e casca de certas plantas para servir de papel.

Porém quando se deu a queda das Bases de Apoio, as coisas mudaram, porque aquela classe detentora da língua portuguesa minguou fatalmente e esta quase que desapareceu da circulação, à excepção de certas correspondências entre os poucos dirigentes do topo ainda sobreviventes.

Queremos, enfim, afirmar que nunca perdemos a vontade de manter a língua portuguesa, tanto oral como ortograficamente, apesar das várias dificuldades e limitações impostas na redução física dos falantes da língua portuguesa. Sempre com o espírito de que a mesma será a nossa língua oficial, logramos conseguir aquilo que para muitos foi um sonho.

Com muita razão dizemos: Valeu a pena lutar!